

Fatores que determinam o amor, através dos tempos

Factors that determine love, through the ages

Esther Roza Silva[†], Thais Mendes Espíndola[†], Adriana Vasconcelos Bernardino^{‡*}

Como citar esse artigo. Silva, ER; Espíndola, TM; Bernardino, AV. Fatores que determinam o amor, através dos tempos. Revista Mosaico. 2019 Jan/Jun.; 10 (1): 63-70.

Resumo

O presente artigo irá abordar a concepção de amor e suas características que vão desde o romantismo, até o seu caráter “líquido”, confluyente, dos dias atuais, ressaltando os fatores que interferem na durabilidade e que trazem como consequência a efemeridade nos relacionamentos, revelando um modo de se estar no mundo atual, marcado por uma tensão acentuada pelo comportamento individualista da pós-modernidade e pelas dificuldades presentes no convívio entre as pessoas, onde tantas expectativas a respeito do papel a ser desempenhado pelo outro resultam em decepções e em um novo ideal de amor que vai se constituindo frágil e fazendo com que as categorias “para sempre e único” já não prevaleçam mais. Refere-se a uma revisão bibliográfica baseada em artigos científicos pesquisados nas bases de dados do Scielo, PePSIC, entre outros e referências específicas do tema, indicadas pela orientadora. O desenvolvimento deste trabalho aponta para significativas mudanças e a necessidade de ajustes na compreensão e vivência de uma relação amorosa nos dias atuais.

Palavras-Chave: Amor, Relacionamentos amorosos, Efemeridade.

Abstract

The present article will address its identity and its interests, from its content, from its current content, highlighting the factors that interfere in the reality and bringing a consequence in the relationships, revealing one mode to present present in the actual performance, marked by a tension accentuated by the individualistic behavior of postmodernity and the difficulties present in the conviviality between people, where the ideal is that it is becoming fragile and making the categories “forever and only” no longer prevail. It refers to a bibliography based on scientific data researched in the databases of Scielo, PePSIC, among others and in the specific references of the subject, indicated by the advisor. The present work is directed to changes and corrections corrections in the experience of a loving relationship in the present day.

Keywords: Love, Love relationship, Ephemerality.

Introdução

Houve épocas nas quais as juras de amor eterno eram a motivação quase exclusiva para nutrir as expectativas de sucesso em relacionamentos amorosos, hoje se fala em afinidades de personalidade. O contexto cultural atual, em que, por exemplo, a liberdade para a separação matrimonial está cada vez mais presente, atemoriza os postulantes ao amor eterno. Nos intriga saber de que maneira todas as mudanças nas concepções do amor e essa efemeridade trazida como consequência provocou uma realidade contemporânea marcada pela urgência em substituímos aquilo que não atende mais às nossas expectativas. As alterações drásticas ocorridas desde a última metade do século XX e alguns fatores próprios da contemporaneidade tais como o avanço tecnológico, a globalização, a decrescente influência da religião e as revoluções sociais, têm

provocado na humanidade uma desconstrução de valores e pilares importantes para as relações amorosas, provocando equívocos na interpretação de sentimentos, afetando significativamente nossas atitudes para com o amor. Se por um lado criaram maiores oportunidades de relacionamentos, também criaram novos problemas e desafios. Hoje existem estilos de vida tão diversificados, como o de relacionamentos abertos, o poliamor (Relacionamento afetivo-sexual em grupo), o “swinging”, o casamento homossexual, a coabitação sem casamento, o casamento sem coabitação etc. – que pessoas, casais e instituições sociais são levados a fazer uma reavaliação constante e uma desconstrução, talvez radical, de seus conceitos e atitudes perante o amor.

Até meados do século XIX tanto na América como na Europa Ocidental o amor não era considerado condição *sine qua non* para o casamento. Se os noivos fossem de bom caráter, certamente “o amor viria com o

Afiliação dos autores: [†]Discente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ

[‡] Doutora, Docente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Email para correspondência: adriana.uss@gmail.com

tempo”. E ainda, embora o século XX se tenha tornado o século do casamento por amor, não podemos deixar de considerar o fato de que este possui diferentes significados. Murstein (1974) lembra que o “amor” para fins de escolha conjugal, geralmente ocorre entre pessoas que tenham “acervos conjugais” iguais, como um conjunto de características e condições a serem consideradas a partir da aparência física, inteligência, posição social e compatibilidade de personalidade. Evidentemente, baseados nestes critérios, podemos concordar que o amor entre homens e mulheres na antiguidade, por exemplo, tenha sido bem raro. Por outro lado, tantas categorias a serem avaliadas, representaram para as relações atuais, um conjunto de exigências quase impossíveis de serem atendidas. A nossa Era se propõe a fazer do amor uma relação mais elevada, mais nobre, essencialmente humana e personificada. Parece que há no amor nos dias atuais um valor e uma finalidade acima dos valores e finalidades que até então o caracterizaram em outras épocas da História. Dessa forma, acreditamos, que um exame, ainda que sucinto, das raízes históricas do pensamento atual sobre o conceito do amor, nos ajude a compreender, mesmo que parcialmente, os determinantes das atitudes e práticas que norteiam as relações amorosas dos nossos dias e os problemas vivenciados a partir destas novas concepções.

Concepções temporais sobre o amor

No decorrer da história o conceito de amor se manifestou de diversas formas, tendo em vista o espaço geográfico e temporal, consolidando assim suas várias faces e formas. Socci (1983) destaca importantes concepções como, por exemplo, a de que o amor seja uma relação que os sujeitos estabelecem entre si e, nela, extravasam as individualidades para se inserir na arena social, política e ideológica de uma época histórica, sendo, justamente, a partir dessa totalidade de olhares, que adquire função, significado e sentido.

Tomaremos como ponto de partida o amor da Idade Média, onde o modelo que se configurava era aquele em que os pais escolhiam e cuidavam do casamento dos filhos, pois era tratado como um grande “negócio de família”. Neste negócio, dois indivíduos firmavam um compromisso que, segundo seus pais, era para o próprio bem dos envolvidos. A instituição casamento não deveria representar um relacionamento amoroso, mas sim uma aliança que se sobrepunha ao amor, tendo a reprodução como o seu segundo propósito. O “amor” era substituído por um contrato que oficializava alianças, garantia o direito de herança e protegia as mulheres, uma vez que normas sobre o comportamento sexual, interesses econômicos e de esferas de poder, eram bem definidas e estabelecidas. Quem escolhia o cônjuge eram os pais ou uma autoridade da família. O ambiente era favorável

à criação de filhos, entretanto, prazer e felicidade não faziam parte do contrato. Segundo Flandrin, (1995):

A partir da Idade Média que o casamento, tal como conhecemos na atualidade, se instaura. Na tentativa de controlar a sexualidade, “(...) O receio de que um amor apaixonado entre os cônjuges prejudicasse o relacionamento social e o que devemos a Deus”, o casamento é defendido pela Igreja Católica como uma maneira de controlar o pecado, visto que o amor entre o homem e a mulher era entendido como rival do amor de Deus (FLANDRIN, 1995, p.145).

Estudos realizados por Lèvi-Straus (1976) mostram que, nas sociedades arcaicas, a aliança é um fator determinante no casamento. A união se justifica muito mais pela necessidade de reciprocidade imposta pela divisão sexual do trabalho do que pela satisfação sexual ou amorosa. A aliança é uma forma de intervenção do grupo sobre bens considerados escassos e essenciais para a sobrevivência e baseia-se em um sistema de trocas, cujas regras marcam a origem do casamento.

Para que se instituisse um casamento, não era necessário se pautar em um amor-paixão, nem mesmo em sentimentos parecidos. A indissolubilidade do matrimônio, estabelecida pela doutrina da Igreja Católica, era usada como o principal argumento a favor de uma escolha cuidadosa visando mais o futuro do que um entusiasmo relacionado ao presente que pudesse estar apoiado em um interesse físico ou amoroso. O amor que era legitimado por esta instituição, era aquele que se via representado pela família, estruturada na imagem de um pai provedor e de uma mãe cuidadora de seu lar, marido e filhos. As relações de poder escravistas reproduziam-se no casamento, e a submissão feminina figurava a expressão máxima do amor conjugal. (DEL PRIORE, 2005; 2011)

Os séculos XVII e XVIII marcaram uma época de racionalismo e esclarecimento e, como consequência, o amor se faz ridículo. Ou seja, o estilo do amor romântico, sofredor, idealizador parece agora, uma loucura supersticiosa da infância da humanidade. (SOCCI, 1983)

Ao longo da história, a atividade sexual sempre foi objeto de preocupação moral e, como tal, submetida a mecanismos de controle das práticas e comportamentos sexuais. Como esses mecanismos são construídos com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade, eles assumem formas diferentes à medida que a sociedade muda. O fim do século XVIII apresenta significativas mudanças e os relacionamentos amorosos vão assumindo outros alicerces e configurações. Casamentos de conveniência, aqueles arranjados entre os pais dos noivos, começaram a perder força. A possibilidade de escolha do parceiro trouxe uma maior liberdade para as pessoas, e com isso o amor passou a fazer parte dos critérios de escolha. O casamento não está mais fundamentado na união permanente. (DEL

PRIORE, 2005; 2011)

Nesta mesma época, identificamos também um grande movimento na história das mulheres que, a partir de grandes transformações, começam a mudar seus preceitos e sua mente, reivindicando seus direitos e se inserindo no mercado de trabalho conquistando alguma autonomia e independência em relação aos relacionamentos afetivos. Segundo Socci, 1983:

Durante o século XIX as mulheres fizeram conquistas ideológicas consideráveis. Viam-se celestializadas como “anjos da casa” e sua posição social subiu correspondentemente. Ao mesmo tempo, as dirigentes vociferantes dos direitos femininos criaram a percepção da discriminação contra elas no meio do povo, cada vez mais solidário. Nos Estados Unidos a estrutura do poder masculino começou a ser realmente afetada depois da Guerra Civil. A educação universitária tornou-se mais disponível para as mulheres, a expansão industrial criou espaço para elas no mercado de trabalho. Métodos anticoncepcionais relativamente eficazes disseminaram-se, permitindo às mulheres fugirem ao aprisionamento permanente da cozinha e do quarto dos filhos. A discriminação legal no tocante à propriedade, direitos civis e ao voto começou a ceder aos esforços persistentes dos grupos que trabalhavam pelos direitos femininos. (SOCCI, 1983 p. 32)

As mulheres saíram de casa, ganharam a rua e a vida. Hoje trabalham, sustentam a família, vêm e vão, cuidam da alma e do corpo, ganham e gastam, amam e odeiam. Quebraram tabus e tradições. Não é pouco para quem há cinquenta anos só tinha um objetivo na vida: casar e ter filhos. Goldenberg (2010) assinala que, na atualidade, homens e mulheres experimentam novos papéis em suas relações cotidianas. São apontados fatores importantes para a ocorrência dessas mudanças a partir da maior presença da mulher no mercado de trabalho, aumento do consumo e necessidades financeiras, movimento feminista, diminuição da fecundidade etc. Com a mulher assumindo novos espaços, antes ocupados somente pelos homens, elas tentam conciliar diferentes papéis como, por exemplo, os de esposa, mãe, dona de casa e profissional. “Elas criam novos desejos, novas ambições e novas culpas. Buscam novas experiências, brigam mais e, muitas vezes, sentem-se profundamente solitárias”. (GOLDENBERG, 2010. p. 65-66)

Há um impacto também no que se refere aos homens. Segundo Goldenberg (2010), o papel deste também sofre modificações. A imagem do provedor e protetor, capaz de oferecer segurança no casamento não é mais suficiente em grande parte dos casos e isso faz com que sua identidade e posição diante da mulher, tornem-se incertas e fluidas. Identificamos a existência de mudanças no cotidiano das relações amorosas entre homens e mulheres, com o surgimento de novas subjetividades. O casamento ganha novas concepções e passa a estar apoiado em uma ideia de satisfação mútua, onde o que o sustenta é o bem-estar dentro de uma perspectiva mais individualista, diminuindo então

as possibilidades de que haja empenho de dois sujeitos distintos engajados em uma relação amorosa, em prol do amor.

Como nos diz Bauman (2004), sobre a fluidez dos relacionamentos na sociedade contemporânea:

Em nosso mundo de furiosa individualização, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. E por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p.16)

Vivemos em uma época em que os relacionamentos amorosos convivem com a incerteza e a insegurança. As pessoas, ao mesmo tempo em que buscam relações mais íntimas, buscam também se desvencilhar dos laços que possam lhes aprisionar. Vivemos tempos líquidos, onde nada é feito para durar. Em suas produções teóricas, o autor acima citado, discorre sobre as relações amorosas e enfatiza o quanto a modernidade as transformou em um espaço de sentimentos contraditórios, superficiais, egocêntricos e efêmeros. As relações amorosas tornam-se cada vez mais “flexíveis” e passam a provocar níveis de insegurança cada vez maiores.

Evidências de um desejo natural na busca pelo outro

Em um cenário de pós-modernidade, nota-se que as pessoas estão constantemente buscando o outro para completar suas vidas, estabelecer ligações, alguém para ficar, namorar, casar ou formar uma família. (BAUMAN, 2004)

As qualidades que procuram, geralmente, implicam em atributos físicos e psíquicos, às capacidades relacionais, à intelectualidade, à maneira com que o outro conduz seus projetos profissionais, como vivencia a sexualidade, a maneira de agir e posicionar-se, a energia que transmite, de tal forma em que há pessoas que não tem como não se destacarem.

Para Bauman (2004, p. 21) “Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas.” O autor destaca o fato de apaixonar-se como algo tentador, tendo em vista o fascínio em que se vive, pela eterna procura por um amor perfeito. Este movimento de busca que parece impossível de se conquistar é, ao mesmo tempo, descrito por seus atores, como difícil de resistir. Outra razão apontada por Bauman (2004) se refere à segurança – estar em um relacionamento, na maioria das vezes, é visto como

sinônimo de segurança e de nunca estar só, nutrindo ainda, a sensação de estar protegido e, de fato, seguro. O autor alude à outra razão para os seres humanos buscarem o amor: a vontade de construir algo junto com outra pessoa, vendo o relacionamento crescer e amadurecer, enquanto as pessoas envolvidas também amadurecem e crescem. Isso torna a busca interessante, diante da capacidade de construir algo único e belo, com alguém com quem se possa compartilhar sentimentos em comum. Ou seja, “não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese dessas coisas”. (BAUMAN, 2004, p. 21)

Podemos perceber que, um relacionamento para que seja bem-sucedido, depende principalmente das escolhas das pessoas envolvidas. Neste relacionamento geralmente há esperança de encontrar uma pessoa que se enquadre nas suas expectativas, alguém que foi idealizado, que lhe proporcione prazer e felicidade. Conforme Pregolato (2003), quando nos apaixonamos, tendemos a acreditar, inicialmente, que encontramos a pessoa ideal, que esta possui todos os atributos capazes de nos despertar admiração, amor e desejo, satisfazendo totalmente as nossas aspirações amorosas. No entanto, a atração e os objetivos de vida que, inicialmente nos pareciam os mesmos, acabam resultando no fim das relações. Fatores como esses podem estar ligados à cultura consumista e às exigências do mundo contemporâneo, onde não há tempo para conhecer o outro e nem a si mesmo.

Sternberg (1989) deu avanço à nomeada Teoria Triangular do Amor, que representa, em nossos tempos, um dos estudos mais integrais relacionado a este assunto. Segundo o autor, são três os componentes do amor:

- 1) Decisão/compromisso;
- 2) Intimidade;
- 3) Paixão.

A intimidade é representada pelos sentimentos que proporcionam a junção dos membros do casal, caracterizando a presença de componentes como: a vontade de proporcionar o bem-estar da pessoa amada, sensação de felicidade junto à ela, consideração por ela, ter a pessoa amada em momentos de necessidade, compreensão que se constrói entre os parceiros, receber e oferecer apoio emocional, ter diálogos e contatos íntimos.

A paixão está embasada no destaque que se dá aos desejos, tais como necessidades de auto-estima, entrega, submissão e satisfação sexual.

O item decisão/compromisso pode ser compreendido por duas vertentes, uma que se refere ao desenvolvimento da relação a curto prazo e outro a longo prazo. A vertente a curto prazo é de amar outra pessoa por decisão e a de longo prazo é o compromisso em preservar esse amor. Essas vertentes se dão, necessariamente, de modo sincrônico. A decisão de

amar não implica, necessariamente, um compromisso por esse amor, assim como o compromisso por uma relação pode se estabelecer sem o acordo de um dos companheiros, como nos casos de matrimônios pré-estabelecidos, os arranjos, por exemplo. No entanto, ainda que a decisão/compromisso venha por requerer da carga de intimidade e paixão, esse é, sem dúvida, o elemento que, em última instância, mantém a relação.

Tomando por base a harmonização desses três itens, Sternberg (1989) assinala vários tipos de amor que podem ocorrer:

a) Tendo unicamente o item intimidade: o amor se qualificará pelo carinho, sem a paixão ou comprometimento, achando-se bem próximo à amizade;

b) A presença unicamente do item paixão, por sua vez, dá o começo a uma relação em que há o predomínio de um alto nível de um despertar psicofisiológico, podendo, tanto manifestar, como se dizimar, rapidamente;

c) O amor embasado somente no quesito decisão/compromisso é o intitulado amor vazio, que pode ser percebido naquelas relações em que a intimidade e a atração física já deixaram de existir.

Sternberg (1989) enfatiza que, ainda que as relações românticas envolvam dois indivíduos de carne e osso, também podem estar envolvidos outros indivíduos, quais sejam, os companheiros ideais de cada um (as expectativas). A felicidade e a satisfação de um dos parceiros na relação poderá ver-se, significativamente, afetadas por uma mera invenção da imaginação, seja esta uma versão romantizada, idealizada de perfeição ou uma expectativa baseada no presente e nas experiências passadas de uma pessoa.

Quando o amor entra em crise e adocece

São vários os fatores que podem influenciar para que um relacionamento entre em guerra, a saber: dificuldades financeiras, interesses contraditórios, concepções antagônicas de valores e conflitos de outras naturezas, que fazem parte da vida de um casal. É sonho, apenas mais uma idealização, pensar em ser feliz quando os conflitos acabarem, pois os conflitos não acabam nunca. Fazem parte da condição, da essência do ser humano. Há, portanto, em todas as pessoas, um conflito entre sua parte animal, que produz impulsos, e sua consciência moral, ou seja, as normas pelas quais ela pauta a sua vida. (ANTON, 2012)

Segundo Rosset (2004), um relacionamento amoroso tende a se tornar difícil quando os parceiros não se reconhecem como seres diferentes e que, portanto, possuem formas distintas de enfrentar algumas questões. É comum que cada um espere que o outro aja de acordo com as suas próprias expectativas. A grande maioria dos casais quando começa um relacionamento, deposita

grandes expectativas, e vai ao longo do caminho se descobrindo. No início é aquela sensação de que se encontrou o relacionamento perfeito e então, quando vão surgindo os conflitos, experimentam as diferenças e acabam se tornando frustrados consigo mesmos e com o outro.

Tardin & Andrade (2004) nos dizem que a antiga concepção de amor romântico está relacionada com a percepção do “amor perfeito”, onde a relação entre os parceiros está apoiada em uma admiração e paixão de forma elevadas, incondicionalmente. Neste caso, os indivíduos certamente se frustrarão no momento em que compreenderem que a fantasia construída com bases no amor romântico pode ser diferente da realidade que encontramos atualmente.

O amor começa a adoecer quando, segundo Cruz & Maciel (2012), representa para aqueles que o sentem, a ideia de dependência de uma pessoa para completar a outra, e que uma pessoa só será inteira estando acompanhada. Este tipo de sentimento pode levar ao sofrimento de uma das partes que compõe a relação e sua identidade individual poderá ser comprometida.

Segundo Bowlby (2002), o comportamento de apego é considerado uma classe de comportamento social de importância equivalente a do comportamento de acasalamento e do parental e pode persistir na vida adulta. O autor categorizou o apego em três modelos – seguro, inseguro (esquivo) e ambivalente – e ponderou que no estabelecimento de um modelo de apego seguro há uma vinculação afetiva tranquila na infância com a principal figura de apego, enquanto que no apego inseguro, geralmente, ocorre uma ameaça contínua à acessibilidade da figura de vinculação, e por fim, no modelo ambivalente, existe uma dificuldade em manter relacionamentos duradouros e comprometidos por causa da baixa autoestima em detrimento da deficiência de continuidade na relação de apego, produzindo um sentimento de solidão. Esses modelos de apego seriam, segundo o autor, resultados das interações efetuadas na primeira infância, até os cinco anos.

Cada um carrega uma crença, cada ser é de um jeito. Criam muitas expectativas, em relação ao outro e ao longo do caminhar vão se deparando com problemas e conflitos; e as diferenças que vão se acumulando, vão gerando inquietações, falta de tranquilidade, frustrações, inseguranças, mágoas e, muitas vezes, não sabendo onde se localiza o problema, o casal começa a achar que o casamento foi um erro. Não sabem o que realmente a outra pessoa está sentindo. Interpreta, a sua maneira, através de uma percepção própria, e não analisa o que o outro está passando.

Diversos são os casais que desistem da relação amorosa ou que acreditam que o amor tenha acabado, pelo simples fato de encontrarem conflitos no relacionamento do dia-a-dia e por passarem a conviver com a sensação de que tudo está falido e fracassado.

(CRUZ & MACIEL, 2012)

Relacionamentos ruins, em grande parte, apontam para atos e questões mal resolvidas, com dificuldades no diálogo e na compreensão do outro. Geralmente, inicia-se neste momento, uma eterna busca pela culpa e responsabilidade de um ou de outro. Quando deixamos de lado o olhar para fora e encontramos a culpa que existe em nós mesmos, entramos no caminho de um futuro extraordinário na relação conjugal e alteramos o destino da relação que começa a se fazer diferente e a demonstrar aos envolvidos que, mesmo com falhas, sentem amor, um pelo outro. (CRUZ & MACIEL, 2012).

Fatores que fazem o amor perdurar

Há meios para se manter um relacionamento de amor, duradouro, onde os envolvidos aprendem a se ajustar, um ao outro, a estabelecerem o diálogo, companheirismo e compreensão, preservando o eu individual e investindo no Eu conjugal. Segundo Féres-Carneiro, 1998:

A constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são muito influenciadas pelos valores do individualismo. Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 6)

Amar e ser amado, seguidos da intimidade, companheirismo, apelo para receber consolo, animar no momento de desânimo, compartilhar os momentos de alegria e aceitar o outro como ele é, é fundamental para se desfrutar de uma relação amorosa. Para Vieira & Stengel (2012), o amor, entre duas pessoas que se dispõem a caminhar juntas em um relacionamento, envolve valores como cumplicidade e fidelidade, além da necessidade de aprender a acomodar-se às características de alguém.

Singly (2000; 2007), ao ressaltar as características individualistas de um casal contemporâneo, destaca a importância da qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros. O amor irá se manter enquanto a relação for prazerosa e “útil” para os cônjuges. Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades.

À medida que um dos companheiros permite o crescimento do outro e que cada um viva seus projetos individuais, torna a relação equilibrada. Ocorrem trocas mútuas, tornando o campo relacional voltado para o desenvolvimento de ambos e não para uma disputa entre eles. O verdadeiro desejo desses casais é de bem-estar do outro e essa relação baseia-se na busca em manter essas condições de bem-estar, mas para isso,

implica uma referência positiva de si mesmo, incluindo autoestima e segurança individual dos parceiros. (CRUZ & MACIEL, 2012)

Indivíduos seguros confiam no outro, possibilitando uma relação mais duradoura e sólida. Percebem suas relações como satisfatórias e alimentam uma visão mais romântica sobre o amor. Segundo Fêres-Carneiro, 1998:

No casamento contemporâneo, os ideais do amor romântico tendem a se fragmentar, sobretudo pela pressão da emancipação da mulher e da autonomia feminina. As categorias de “para sempre e único” do amor romântico, não prevalecem na conjugalidade contemporânea. (FÊRES-CARNEIRO, 1998, p. 7)

Giddens (1991; 1998; 2002) denomina de “amor confluyente” aquele que presume uma igualdade no dar e receber afeto e se desenvolve a partir da intimidade. Ele conceitua o laço conjugal como “relacionamento puro” tendo em vista que este só se mantém se for capaz de proporcionar satisfações a ambos os parceiros. Como assinalam Viera & Stengel (2012), a conquista da sensação de completude é um dos objetivos da procura, assim como uma das causas pelas quais os indivíduos de uma maneira geral, idealizam um cenário romântico, que permanece como um forte esquema para a vida amorosa.

O respeito e a confiança andam de forma concomitante, pois o fato de o companheiro ser leal e fiel leva aos parceiros a confiarem um no outro, estabelecendo um relacionamento maduro e tranquilo. Do contrário, há um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma superexigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito na relação amorosa, podendo levar ao esvaziamento e ao rompimento da relação.

Quando isso acontece, a psicoterapia é uma alternativa eficiente para casais que se encontram em crises. Ela estabelece compromisso com a promoção da saúde emocional dos membros de um casal e não com a manutenção ou a ruptura do casamento. Propicia que sejam identificados os sentimentos e para casais que vivenciam relações desajustadas, pode trazer contribuições relevantes através de técnicas específicas.

Considerações Finais

Ao longo dos tempos, mudanças ocorreram na concepção de amor e nas questões que o permeiam. Vimos se modificar a intimidade e a vida diária entre casais e novas formas de amar e de se relacionar são resultantes dessas mudanças. Características do chamado amor confluyente o tornam mais real do que o amor romântico, pois não é visto como identificações

projetivas e pela espera de uma completude, mas sim em uma troca afetiva igualitária, e é pautado pela realização sexual de todos.

A sexualidade plástica, uma segunda categoria identificada junto ao amor, na contemporaneidade, refere uma sexualidade ligada ao relacionamento puro e pela busca de prazer feminino, e não mais como uma necessidade para a procriação, como era vista antes.

E, por último, uma forma de relacionamento puro, que é centrado no compromisso, na confiança e na intimidade. Visa que através de uma história construída junta e que através de atitudes e palavras se garanta que o amor vá ser mantido, porém por um tempo não definido. O que difere da ideia do “amor até que a morte nos separe”, pois uma característica marcante do relacionamento puro é a de que mesmo havendo compromisso, este possa ser terminado a qualquer momento, desde que não esteja mais sendo satisfatório para um dos dois.

Tais mudanças identificadas na concepção de amor, no cotidiano da vida a dois, os avanços tecnológicos e as mudanças econômicas, tendem a reforçar a vontade de liberdade existente na sociedade hoje. Atualmente, vimos os valores materiais, o consumo e o descartável, atropelarem o amor, tornando-o, por vezes, banal. Esse fenômeno acaba refletindo nas relações amorosas fazendo com que tudo possa mudar rapidamente. Vontades, desejos e o tamanho do amor hoje, já não representam garantias para o dia de amanhã, pois tudo isso só tem valor, aliados a satisfação e felicidade compreendidas como tais, para cada um e todas essas novas características nos trazem um cenário onde as relações podem se tornar cada vez mais descartáveis e o amor, cada dia mais efêmero.

Referências

- ANTON, I. L. C. A Escolha do Cônjuge - Um entendimento sistêmico e psicodinâmico. 2. ed. **Rev. ampl. Dados eletrônicos**. Porto Alegre: ARTMED, 2012.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOWLBY, J. **A natureza do vínculo**. Vol 1 da trilogia Apego e perda. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CRUZ, R.M.; MACIEL, S. K. **O estudo dos relacionamentos amorosos em diferentes campos disciplinares** 9-25. In: Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2012.
- DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.
- FÊRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.** v.11 n.2 Porto Alegre 1998.
- FLANDRIN, J.L. **Famílias, parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga**. Lisboa: Estampa, 1995.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e**

erotismo nas sociedades modernas. Porto Alegre: S.A. Fabris, 1998.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOLDENBERG, M. **Por que homens e mulheres traem?** Editora Best Bolso, 2010. LEVI-STRAUSS, C. **Les structures élémentaires de la parenté**. Paris: La Haye, 1976.

MURSTEIN, B.I. **Amor, sexo e casamento através dos tempos**. Editora ARTENOVA S.A. Rio de Janeiro, 1974.

PREGNOLATO, M. **Vida a dois**: um breve olhar sobre o relacionamento amoroso. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2003.

ROSSET, S. M. **O casal de cada dia**. Curitiba: Sol, 2004.

SINGLY, F. de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C.E.; SINGLY, F. de; CICHELLI, V. (Org.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: EDFGV, 2000. p. 13-19.

_____. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: EDFGV, 2007.

SOCCI, V. **Elaboração e validação de uma escala de atitude em relação a sexualidade**. Tese de doutorado em Ciências - apresentada ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1983.

STERNBERG, R. J. **El triangulo del amor: intimidad, pasión y compromiso**. Barcelona: Paidós, 1989.

TARDIN, M. C.P.; ANDRADE, R.G. Leitura psicanalítica da publicidade amorosa. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, vol. IV, n. 2, 296 – 312; 2004.

VIEIRA, E. D.; STENGEL, M. Ambiguidades e Fragilidades nas Relações Amorosas na Pós-Modernidade. **Revista eletrônica do Curso de Pedagogia –Itinerarius Reflectionis**, vol 2, n. 13, 2012.

